



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

**BAUMAN E MAFFESOLI: UM NOVO CAMINHO PARA SE PENSAR A
JUVENTUDE E SUAS PRÁTICAS CORPORAIS**

Gabriel Carvalho Bungenstab

Resumo

O texto a seguir aponta algumas diferenças sobre os pensamentos dos sociólogos Bauman e Maffesoli. O diálogo entre esses dois pensadores aponta novos caminhos a fim de refletir o que vem sendo a juventude contemporânea e a relação que ela assume com o corpo e com as práticas corporais fora da escola. Inserir esses dois sociólogos de grande importância no cenário mundial para pensarmos a Educação Física e as práticas corporais é uma aposta nova e que pode gerar outras reflexões e críticas acerca da nossa área.

INTRODUÇÃO

Muito se discute sobre juventude na sociedade atual e se fala na importância de reconhecer esse jovem como um indivíduo de direitos que sofreu, sofre e é influenciado pelas mudanças que ocorreram ao longo da história ocidental. É consenso hoje, entre os autores que versam sobre a temática, reconhecer a juventude menos como uma faixa etária, uma classificação e mais como um processo de construção sócio-histórica e cultural.

Ao tratar dos jovens (e não só os jovens) de hoje, Velho (2006) nos mostra que a juventude contemporânea é marcada por diversas manifestações diferentes. A música (por meio do funk, hip hop, samba, forró, sertanejo, dentre outros), os esportes (capoeira, lutas, coletivos) e a tecnologia (informática) dão oportunidade para as mais diversificadas e flexíveis manifestações dos jovens. Com base nisso, o objetivo do presente estudo é pensar como se comporta e como vem sendo a juventude hoje, a partir da leitura que os sociólogos Zygmunt Bauman e Michel Maffesoli fazem da sociedade contemporânea. Leitura essa que apresenta diferenças conceituais entre esses dois autores, o que acaba implicando no pensamento do que pode estar sendo o jovem hoje e qual o trato que ele tem dado na sua relação com as manifestações culturais e/ou esportivas.

Sendo assim, num primeiro momento do texto discutiremos as principais diferenças entre Bauman e Maffesoli. Feito isso, serão mostradas as implicações que os conceitos desses dois autores suscitam para pensarmos a juventude atual e por fim, iremos propor um diálogo com o cenário das práticas corporais juvenis.

ALGUMAS DIFERENCAS ENTRE BAUMAN E MAFFESOLI

Tanto Bauman quanto Maffesoli parecem realizar um diagnóstico similar sobre o que vem sendo a sociedade contemporânea. No entanto, as consequências que esse diagnóstico gera é o ponto de partida das diferenças conceituais e sociológicas entre esses dois autores, e é a partir daí que se inicia o esboço do que seria duas visões distintas sobre o que vem sendo a juventude no contemporâneo. Os dois autores parecem concordar sobre o que seria a socialização (social) e a socialidade. A primeira, pautada sempre pela racionalidade, pela divisão e reprodução social, na qual as funções



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

e identidades estão sempre bem definidas. Já a segunda vive inteiramente para o presente, se caracterizando como um fenômeno estético, desinteressado e supérfluo, onde as pessoas se identificam com diferentes papéis. Socialização (social) que alcançou a hegemonia no período da modernidade e socialidade, que, não visão dos autores, seria mais bem designada para a pós-modernidade (ou modernidade líquida).

No entanto, as consequências que o social e a socialidade geram é que diferencia os pensamentos de Maffesoli e Bauman. Bauman diz (1993, p.149) que “A diferença mais notável é a diferença entre o fato de a socialização ter um propósito e o fato do desinteresse da socialidade”. Já Maffesoli diz (1987, p.133) que “Nunca será demais insistir: a autenticidade dramática do social corresponde à trágica superficialidade da socialidade”. Para Bauman, a presença de propósito na socialização gera a construção e manutenção da ordem, visando o projeto futuro e calculando as ações que devam ou não ser realizadas. Ele ainda analisa o desinteresse da socialidade, de uma forma crítica, dizendo que a mesma, por não possuir nenhum propósito e nenhum projeto futuro, se encerra ao passo que o grupo e as relações (estéticas) cessam:

Socialidade instantânea da multidão é uma contra-estrutura para a estrutura da socialização. Num só momento glorioso de “descarga”, ela anula anos (talvez séculos) de elaboração paciente. Não tem nenhuma estrutura própria; ruma nos entulhos da estrutura que acabou de explodir – a única estrutura que a “sociedade” conhece. (BAUMAN, 1993, p.151)

Já Maffesoli dá destaque para a superficialidade da socialidade, dizendo que a profundidade pode estar oculta na aparência. Em muitos momentos a aparência, para ele, é vetor de agregação, de sentimento estético e de reconhecimento. Sendo assim, a visão que Maffesoli postula é, de fato, mais positiva quando comparado à Bauman. Viver o presente, usufruindo de diferentes papéis dentro dos mais diversos lugares é o que da liga as neotribos. A importância está em usufruir o presente de uma forma coletiva.

Bauman parece entender que o “eu” individual se encontra com o “nós” grupal, no entanto, essa relação, na sua visão, é pautada pelo consumismo. O indivíduo deve ter como principal cuidado,

[...] a capacidade de aproveitar a oportunidade quando ela se apresentar; a desenvolver novos desejos feitos sob medida para as novas, nunca vistas e inesperadas seduções; e a não permitir que as necessidades estabelecidas tornem as novas sensações dispensáveis ou restrinjam nossa capacidade de absorve-las e experimenta-las (BAUMAN, 2001, p.91)

O cuidado em não estabelecer nenhuma relação fixa e concreta com qualquer grupo específico é o que gera as inúmeras possibilidades de experimentação, por exemplo, dentro dos muros escolares. No entanto, “saber que não estamos sós e que nossas aspirações pessoais são compartilhadas por outros pode conferir segurança” (BAUMAN, 2003, p.60). Ainda assim, o autor fala que esses vínculos gerados não podem ser irrevogáveis e muito menos impedir escolhas pessoais diferenciadas e singulares. O grupo deve manter a noção de que suas portas estarão sempre abertas para entradas e saídas espontâneas. Parece que, para Bauman, a relação do indivíduo com o grupo, ocorre, mas a mesma sempre acaba retornando ao indivíduo único, consumidor, sozinho e inseguro. Já Maffesoli, desconsidera qualquer atividade na qual o



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física

Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012



EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

individualismo seja o centro. Ele mesmo ressalta que essas inúmeras discussões acerca da sociedade individualizada (e aqui podemos incluir Bauman) não passam de pensamentos de figurino e:

A menos que sirvam para exprimir a profunda confusão de intelectuais que não compreendem mais nada da sociedade que é sua razão de ser, e dessa maneira tentem devolver-lhe o sentido, em termos adequados ao campo moral e/ou político no qual excelem. Não pretendo voltar a esse combate de retaguarda. Basta indicar ainda, que de maneira um pouco peremptória, como a experiência do outro fundamenta a comunidade, mesmo que ela seja conflitual. (MAFFESOLI, 1987, p.102)

Parece então, que para este autor, o processo ocorre de forma inversa se o compararmos a Bauman. Aqui, a importância está menos no indivíduo e mais no grupo. A relação aparece de forma coletiva e ela nunca retorna para o indivíduo, como defende Bauman. Maffesoli acredita que o processo vai de um grupo (neotribo) a outro grupo. Ou seja, o indivíduo tem a capacidade, por meio da identificação, das máscaras e dos papéis de circular de um grupo ao outro, mas nunca voltando para o “eu” individual isolado.

ALGUMAS IMPLICAÇÕES PARA O CONCEITO DE JUVENTUDE

Pensando na juventude, podemos dizer que, por um lado, há uma tendência de que as relações juvenis passem – na modernidade líquida – a se caracterizar com um alto índice de insegurança e ansiedade, gerando, por consequência, falta de confiança perante o outro e certa individualidade, ou seja, o jovem passa a se preocupar mais com o “eu” do que com o “nós”. No entanto, existe também a visão de que o jovem, imbuído de suas máscaras, possa vivenciar melhor seus momentos juvenis e criar, por meio disso, um fortalecimento grupal e tribal.

Percebemos que as diferenças teóricas entre esses dois autores vai constituindo modos de viver e características sociais distintas, inclusive para a juventude. Muito se diz que hoje os jovens vivem de forma individual, à base do consumo e criando relações superficiais e fluidas com os outros. Não se prendem a um determinado espaço e não se preocupam muito com o tempo futuro. Quanto mais rápido esses jovens se movem, mais poder eles adquirem. O conhecimento pode ser um exemplo de poder, e sabemos que o conhecimento não é regalia exclusiva da escola. Bauman diz que,

Hoje, não se espera nem se pressupõe que os jovens “estão em vias de se tornar adultos como nós”; a tendência é vê-los como um tipo diferente, que permanecerá diferente “de nós” por toda a vida. As discrepâncias entre “nós” (os mais velhos) e “eles” (os mais novos) não nos parecem mais corresponder a uma fase passageira e irritante, que tenderá fatalmente a se dissipar e a desaparecer à medida que eles amadureçam para as realidades da vida. Os jovens sem dúvida vão permanecer; eles são irrevogáveis (BAUMAN, 2010, p.20)

Esse indivíduo contemporâneo, sozinho, em frente ao seu computador ou ao celular pode rapidamente se mover e se apropriar de conhecimentos que as gerações jovens anteriores não tiveram a oportunidade (e se tiveram, o processo se deu muitos mais lentamente). Bauman (2010) chama de geração Y aqueles que, hoje, possuem entre 11 e 28 anos. Essa geração, para ele, nasceu e vive num mundo totalmente diferente daquele vivido por gerações anteriores, Bauman (idem, p.60) “[...] um mundo de emprego



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

abundante, oportunidade aparentemente infinitas de prazer, cada um mais atraente que o outro e capaz de multiplicar esses prazeres cada vez mais sedutores [...]”.

Ao mesmo tempo, podemos considerar que o jovem contemporâneo também necessita de uma relação grupal (tribal) com os outros e que hoje as relações estéticas e táteis estão na ordem do dia. Não importa se esse indivíduo irá consumir ou realizar algo com alguma finalidade. A importância de estar-junto com outros vivenciando o presente e compartilhando um forte sentimento em comum é o que rege esses indivíduos atualmente. Parece que a ideia aqui é demonstrar que o jovem pertence a diferentes grupos e com distintos papéis em cada um deles. Maffesoli (2005, p.13) prefere trabalhar com a ideia de juvenilismo:

[...] a atitude ou a cultura jovem, o “juvenilismo”, que com frequência se estigmatiza nas sociedades contemporâneas, não está limitado simplesmente a um problema geracional, mas a uma função contaminadora. A “eterna criança” é contemporaneamente uma figura emblemática, assim como foi o adulto sério, racional, produtor e reproduzidor do século XIX

Juvenilismo e função contaminadora, para Maffesoli (2005), representam uma ênfase e uma exploração das características marcadamente juvenis, como os valores, as regras e a moda. O que importa, nessa visão é o sentimento de pertença que predomina fortemente no ideal comunitário. Se esse jovem contemporâneo se caracteriza pelo individualismo ou pelas relações neotribais não é pretensão da nossa parte afirmar. cremos que em determinados ambientes e momentos o jovem possa vivenciar uma dessas características com mais ênfase do que a outra. Abramo (2005, p.44) diz que; “Agora a pergunta é menos sobre a possibilidade ou impossibilidade de viver a juventude, e mais sobre os diferentes modos como tal condição é ou pode ser vivida”. A escola assim pode ser um espaço onde prevaleça uma delas ou onde há uma alternância das mesmas.

APONTANDO NOVOS CAMINHOS NA RELAÇÃO ENTRE A JUVENTUDE E AS PRÁTICAS CORPORAIS

Acreditamos que os pensamentos de Bauman e Maffesoli apresentados aqui, surgem no sentido de proporcionar um novo caminho para se pensar a juventude na sociedade atual. E é a partir dele que também podemos discutir relações que a juventude tece com algumas manifestações relacionadas às práticas corporais. Como bem ressalta Velho (2006, p.198): “a conjunção de esporte, música e novas formas de sociabilidade tem permitido, como já foi sugerido, maior contato entre pessoas de origens e meios sociais bastante diferentes.”. É nesse contexto que se deve conceituar o jovem com sua heterogeneidade e dinamismo, pensando no jovem de hoje como um ator social que vive o entorno dessa sociedade fluida e flexível.

Como pensar o jovem, por exemplo, dentro do cenário escolar de ensino médio e sua relação com a educação física, levando em consideração os aspectos da individualidade, das máscaras, das neotribos, do presenteísmo e das relações fluidas e flexíveis? Como entender as mais diferentes manifestações corporais e esportivas que os jovens levam para o universo da escola? Até que ponto dar importância para os grupos, ou as famosas panelinhas de jovens que se criam dentro da aula de Educação Física?



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

Ao tratar da relação dos esportes radicais (ER) com a educação física escolar, Ambrust e Silva (2012) destacam a importância de considerar essas práticas corporais, oriundas de ambientes urbanos e naturais, como conteúdos dentro do espaço escolar. Eles dizem:

Os ER, mesmo aqueles entendidos como individuais, geralmente são praticados em companhia de alguém. Podemos ver pessoas sozinhas em cima de um skate, mas dificilmente se encontra desacompanhado de outros skatistas. Os ER costumam promover um convívio interpessoal visto como fundamental já que aumenta a motivação do grupo e confere a agradável sensação de pertencer a algo que tem significados compartilhados. (AMBRUST E SILVA, 2012, P. 296)

Vemos, por meio do estudo desses dois autores, como a relação do individual e do grupal (neotribal) assume importância quando pensada junto às práticas corporais. É nesse sentido que os pensamentos de Bauman e Maffesoli podem dar contribuições valiosas para o entendimento de juventude contemporânea e da relação que ela assume com o corpo, com a educação física e com as práticas corporais fora da escola. Inserir esses dois sociólogos de grande importância no cenário mundial para pensarmos a Educação Física e as práticas corporais é uma aposta nova e que pode gerar outras reflexões e críticas acerca da nossa área, tanto dentro quanto fora da escola.

REFERENCIAS

ABRAMO, Helena Wendel. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In ABRAMO, Helena Wendel e BRANCO, Pedro Paulo Martoni. **Retratos da juventude brasileira**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

ARMBRUST, I. ; SILVA, S.A.P. **Pluralidade cultural: Os Esportes Radicais na Educação Física Escolar**. Movimento (UFRGS. Impresso) , 2012.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.

_____. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003.

_____. **Ética da pós-modernidade**. São Paulo: Paulus, 1993.

_____. **44 cartas do mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2010.

MAFFESOLI, Michel. **O Tempo Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

MAFFESOLI, Michel. Cultura e comunicação juvenis. **Comunicação, mídia e consumo**. São Paulo. n. 4, 2005. Disponível em:

<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/48/48>. Acesso em: 12 mai. 2012.



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física

Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012



EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

VELHO, G. . **Juventudes, projetos e trajetórias na sociedade.** In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda. (Org.). *Culturas jovens: novos mapas do afeto.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p. 1-236.